



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Fonte: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/298>. Acesso em: 08 dez. 2022.

Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade
necessária no
século XXI

Murilo Silva de Camargo
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Alexandre Simões Pilati
Esther Bemerguy de Albuquerque
(org.)



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva


EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa



Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade
necessária no
século XXI

Murilo Silva de Camargo
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Alexandre Simões Pilati
Esther Bemerguy de Albuquerque
(org.)

Coordenação de produção editorial : Equipe editorial
Marília Carolina de Moraes Florindo

Assistência editorial : Jade Luísa Martins Barbalho
Emilly Dias de Matos

Revisão : Ana Alethéa Osório

Diagramação : Wladimir de Andrade Oliveira

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Telefone: (61) 3107-3700
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.


Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza dos Santos – Bibliotecária – CRB 1/1913

D214 Darcy Ribeiro e a UnB : a universidade necessária no século XXI / organizadores, Murilo Silva de Camargo ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2022.
200 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-120-3 (impresso).
ISBN 978-65-5846-114-2 (e-book).

1. Ribeiro, Darcy, 1922-1997. 2. Universidade de Brasília. 3. Universidades e faculdades públicas. I. Camargo, Murilo Silva de (org.).

CDU 378.4

 Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

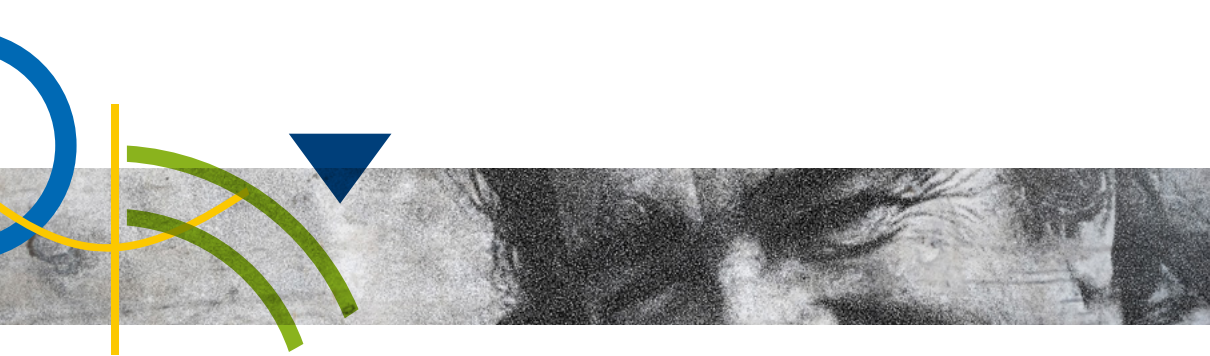
- 9** | **Darcy Ribeiro e a UnB: a universidade necessária no século XXI**



Parte I

Os textos de autoria dos estudantes de graduação

- 23** | **Utopia e realidade: reflexões sobre os rumos da Universidade de Brasília**
Alexsandro de Sousa Bandeira
- 33** | **Universidade para quê? A universidade está sintonizada com o melhor do saber universal e com a sociedade brasileira?**
Cesar Rodrigues van der Laan
- 43** | **A criatividade para a realização da visão universitária de Darcy Ribeiro**
Cristiano Hoppe Navarro
- 51** | **Universidade de Brasília, universidade-utopia**
Júlia Guimarães Stoimenoff Brito
- 59** | **A UnB de Darcy Ribeiro: a aproximação entre o saber e as questões de uma realidade social**
Nicole Ferro Antunes de Oliveira
- 67** | **Darcy Ribeiro: sonhos interrompidos**
Victor Eduardo Alves Rocha



Parte II

Os textos de autoria dos estudantes de pós-graduação

- 81** | **A universidade sonhada por Darcy Ribeiro:**
o papel da Biblioteca Central da UnB e da
Editora UnB na busca pela utopia necessária
Ana Flávia Lucas de Faria Kama
- 91** | **O papel da universidade e o contexto da
pandemia:** um ensaio à luz dos ensinamentos
de Darcy Ribeiro
Andressa Soares Costa
- 105** | **“A universidade necessária”:**
saber humanizado e responsabilidade social
Clerismar Aparecido Longo
- 123** | **Vozes da resistência:** Darcy Ribeiro e a UnB no
debate contemporâneo
Inês Ulhôa
- 137** | **Indo para a Universidade de Darcy:** educação
e liberdade para pensar a partir do Brasil
Kennia Dias Lino
- 145** | **A universidade pública, gratuita,
de qualidade e inclusiva para todos:**
a luta dos povos indígenas para sua inclusão
nas universidades públicas
Luciana Beatriz de Araújo Colombo




- 159 | Universidade para quê e para quem?**
Darcy Ribeiro, Lyra Filho e a UnB no processo de pluralização do ensino superior no Brasil
Marcos Júlio Vieira dos Santos
- 169 | Universidade para mudar gente que muda o mundo: uma autoetnografia para ler a política educacional no Brasil**
Rayane Andrade
- 187 | Darcy Ribeiro e a crítica que não envelhece**
Thaís Coelho Mariano



Darcy Ribeiro e
Oscar Niemeyer
visitam a UnB (1985)

Fonte: Universidade de Brasília.
Arquivo Central. AtoM UnB



A universidade sonhada por Darcy Ribeiro: o papel da Biblioteca Central da UnB e da Editora UnB na busca pela utopia necessária


Ana Flávia Lucas de Faria Kama

Introdução

Só me resta assinalar que nossa querida UnB renasce – e renasce bem e em boas mãos – porque renasce no Brasil a liberdade. A questão fundamental é a liberdade. Reitero: nossa tarefa é o Brasil, mas nossa missão fundamental para que o Brasil se edifique para seu povo é a liberdade.

(Darcy Ribeiro, 1986, p. 28)

Em agosto de 1985, Darcy Ribeiro pisa em solo terno e fértil de seu intento utópico de realizar o ensino superior público no Brasil: a Universidade de Brasília (UnB). Num país em plena redemocratização, Darcy retorna na década 1980 de



seu exílio com intenções de renovação de antigos projetos e idealização de novas ideias, tanto na educação, quanto no campo político nacional. Revigorado e com seus tantos e tantos pulmões de esperança – como diria Galeano (2013) – o antropólogo discursa para uma UnB saudosa e reanimada de sonhos. Para entender o sentido desse momento, é preciso revisitar o passado e a matéria que o formou.

Muito embora Juscelino Kubitschek fosse um homem de grandes projetos, talvez não soubesse a dimensão que fora convidar Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro a fim de entregar-lhes a missão de engendrar na futura e então nova capital do país um projeto robusto e ousado de universidade pública. Ao planejar o Plano Piloto de Brasília, Lucio Costa já havia previsto e entendido “que seria um erro se a nova capital fosse concebida apenas como *urbs* e não como *civitas*, a saber, centro de nucleação e irradiação de cultura” (Miglievich-Ribeiro, 2017, p. 591). Portanto, a UnB já tinha como proposta uma vasta área no centro da nova capital do país, além de previsão de projetos arquitetônicos modernos, um *campus* acolhedor, faculdades inovadoras, uma aura nativamente democrática e planejamento de órgãos e unidades renovadoras que permitissem que o projeto de Anísio e Darcy pudesse se concretizar: a utopia universitária ganhando seu embrião em forma de uma educação pública, laica, gratuita e de qualidade.

A história da criação da UnB não foi tranquila, assim como toda sua trajetória enquanto instituição de ensino superior. João Goulart sancionou a Lei nº 3.998 (Brasil, 1961), que criaria a universidade da nova capital, não sem muita dedicação de Darcy junto ao Congresso Nacional. As cadeiras de primeiro reitor e vice-reitor foram, portanto, ocupadas por seus patronos e incentivadores, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, respectivamente. Começa então um momento de esperança e renovação na educação superior do Brasil. Darcy seleciona e convida professores, intelectuais e pensadores do país e do mundo e lhes atribui a missão de fazer acontecer aquele que seria um projeto educacional, arquitetônico, social e acadêmico inédito: a dita “universidade necessária” (Miglievich-Ribeiro, 2017). Em 21 de abril de 1962, após quatro meses de sua criação legal, a UnB começava com suas aulas e atividades, calcadas nos alicerces utópicos, inovadores e emancipadores intrínsecos de sua concepção e natureza.

Universidade e informação

As universidades são instituições longevas na história da humanidade. Em sua gênese, representaram fenômenos urbanos europeus que se propagaram em resposta ao longo período de ruralização e pequena evolução científica e intelectual da Idade Média. Iniciadas com diminutas aglutinações de mestres e aprendizes, as universidades foram se formando nos séculos XII e XIII nas recentes recriadas cidades europeias (McNeely; Wolverton, 2013), ao abandonarem seus antigos refúgios, as abadias, com seus *scriptoria*, grandes salões de estudos e vultosas bibliotecas.

Contudo, o início do conceito de universidade moderna nasce na Alemanha, no início do século XIX, principiando a ideia de que os docentes e discentes deveriam aprender pesquisando, em busca de uma expansão das fronteiras do conjunto de saberes conhecidos e estabelecidos. Já o modelo latino-americano, contribuiu para a ideia de uma universidade de portas abertas, atrelada especialmente à sociedade, ao trazer a ideia da extensão universitária e difusão social do conhecimento aos prognósticos do ensino e pesquisa (Alvarez, 2017).

A Reforma de Córdoba, realizada em 1918, foi um dos primeiros grandes movimentos da América Latina a reformar proficuamente o sistema de ensino superior de um país, num momento em que a comunidade acadêmica da Argentina não podia mais evitar a renovação de um sistema antigo, autocrático e fechado de universidade. Córdoba fez ressoar no continente novos princípios para melhoria de sistemas de ensino universitário, como o estabelecimento de ações fundamentais para a defesa das liberdades acadêmicas – eleições e fixação de prazos para os cargos de mandatários da instituição, com participação de docentes e discentes –, além do delineamento da autonomia universitária (Ribeiro, 1969). Justamente os elementos que auxiliaram a unidade das organizações acadêmicas, o embate contra o cerceamento de liberdades individuais e a dilapidação contínua da dignidade da pessoa humana que as ditaduras do continente nas décadas de 1960 e 1970 promoveram (Guazina; Moura, 2020).

Tendo em vista seu contexto histórico e funções basilares, a genealogia do modelo universitário está permeada de vários elementos formadores, principalmente os relacionados intimamente com o fazer acadêmico, mas também e especialmente com aqueles que contribuem para a coleta, organização e disponibilização de informações científicas, ou seja, entidades universitárias corresponsáveis pela identificação, guarda, promoção e circulação do conhecimento produzido no âmbito acadêmico: as bibliotecas e as editoras universitárias. A história das universidades e de sua criação e renovações no decorrer dos séculos também é a história de suas casas editoriais e bibliotecas.

Como um grande coração pulsante do *campus*, as bibliotecas universitárias precisam orientar seus objetivos aos da universidade. Integrar seus serviços e produtos como apoio e fomento às atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de contribuir para que o ciclo da informação, em especial a científica, possa ser eficazmente promovido com certa prioridade à criação e gestão de um campo propício à comunicação da informação (González-Solar, 2017). Nesse sentido, colaborar para a promoção de uma academia mais democrática, alinhada aos preceitos de emancipação de uma sociedade justa e disposta à evolução científica, por meio do incentivo do conhecimento acadêmico.

Todavia, tendo em vista os avanços tecnológicos e conceituais das últimas décadas, as bibliotecas universitárias renovaram-se em funções e relacionamentos dentro e fora dos *campi*. Um movimento para o exterior, aliado às renovações de espaços e seus usos, levou as bibliotecas universitárias, do mundo e do Brasil, a um contexto mais integrado com a instituição e com serviços necessários e resultantes de suas atividades basilares de ensino, pesquisa e extensão (Cox, 2018). Ambientes de criação, colaborativos, tecnologias integradoras e acessíveis, novos e revolucionários tipos de acervos e empréstimos, assim como a reconstituição de serviços de publicação e organização de parte da produção intelectual científica da universidade, trouxeram com maior vigor a biblioteca universitária como peça fundamental para a promoção do conhecimento acadêmico e, por conseguinte, colaboração para a formação de uma sociedade melhor.

Outro elemento de essencial importância para a promoção dos objetivos acadêmicos e sociais de uma universidade são suas editoras. Concomitante ao estabelecimento das universidades, foi necessária a organização da publicação e disponibilização do conhecimento científico produzido na academia, de forma sistêmica e com princípios não apenas quantitativos, mas qualitativos. Portanto, nascem e se formam já no século XIII as primeiras editoras atreladas às universidades, buscando cumprir com seus grandes desafios relacionados à publicação acadêmica: a inovação, a qualidade e a relevância científica. No contexto brasileiro, Martins Filho (2017) informa que as editoras universitárias influenciaram a cultura nacional há mais de meio século. Junto com a consolidação do espaço universitário, as editoras assumiram suas atividades e tomaram para si outras finalidades para além da edição e publicação de obras, como a preservação e comunicação do saber.

Dessa forma, o estabelecimento dos campos teóricos e práticos que envolvem a organização e disponibilização do conhecimento científico, cultural e técnico, no âmbito acadêmico, são aspectos fundamentais para o entendimento dos objetivos e

função de uma universidade na sociedade. No decorrer do tempo, suas formas de operar foram sendo modificadas de acordo com a necessidade dos corpos universitário e social que as circunscreviam, colaborando para que fosse possível o fazer universitário de hoje, que se baseou consideravelmente nas realizações de docentes, discentes e conjunto técnico universitário de outrora. O ciclo que envolve a informação, o conhecimento e suas comunicações, dentro do contexto universitário, passa necessariamente por suas bibliotecas e editoras, já que não existe ciência – e seu consequente ganho social – sem sua comunicação (Costa; Leite, 2018).

Perspectivas emancipatórias da Biblioteca Central da UnB e da Editora UnB

Atualmente, pensar na universidade utópica delineada por Darcy Ribeiro é um exercício conceitual de sobrevivência. Conforme foi discutido, a estrutura acadêmica já está posta à sociedade, contudo, suas funções e objetivos estão sempre a se renovar com os desafios encontrados no passado, presente e futuro cada vez mais urgente. Portanto, a busca é sempre por dar autenticidade à universidade e sua estrutura, colaborando para que o terreno fértil do ensino, pesquisa e extensão possam dar sustentação ao projeto utópico de academia que o país necessita (Ribeiro, 1969).

A UnB – enquanto gênese e laboratório da universidade necessária em Darcy para o Brasil e atenta a todos os elementos fundamentais que a sustentam – indicou, já em seus instrumentos normativos de criação, a previsão dos institutos de sua editora universitária e sua biblioteca central.

A Biblioteca Central da UnB (BCE) não foi citada na lei de criação da universidade, mas sim na instituição da Fundação Universidade de Brasília (FUB), no Decreto nº 500, de 15 de janeiro de 1962 (Brasil, 1962), definindo-a como um órgão complementar da instituição. Para organizar e estabelecer a então prevista biblioteca, Darcy convidou o professor e bibliotecário Edson Nery da Fonseca, que conduziu as primeiras formações de acervos e serviços da unidade. Tendo em vista sua importância para o alcance dos objetivos da recém-criada universidade, a BCE passou a funcionar em prédios provisórios, servindo de órgão de apoio às atividades acadêmicas. Segundo Fonseca (1973), como parte de um pensamento emancipador e calcado no acesso ao conhecimento organizado e disponível, Darcy Ribeiro, enquanto vice-reitor da UnB, não poupou esforços e orçamento na aquisição de livros para o acervo da biblioteca, fazendo com que 1963 fosse um dos anos que a BCE cresceu com maior impulso em toda a sua história. Contudo, após

muito trabalho e esforço a fim de constituir um vasto e importante acervo, o golpe de 1964 interditou o edifício da biblioteca e separou as obras consideradas então como subversivas, iniciando assim o período mais doloroso na história da UnB. Mesmo sob ataques à democracia do país, o prédio da BCE, previsto por Lucio Costa e Oscar Niemeyer, foi inaugurado em 1973, na praça central da universidade, estabelecendo de forma global o projeto de biblioteca central inovador que os fundadores da UnB definiram, opondo-se ao modelo de bibliotecas setoriais descentralizadas, sem a figura de uma unidade central gestora.

De arquitetura moderna e ímpar, o atual edifício da BCE é assinado pelo arquiteto José Galbinski, tem quatro pavimentos, com cerca de 17.000 m², abrigando mais de 1,6 milhão de exemplares, organizando e disponibilizando toda a produção científica e intelectual de seus docentes, discentes e pesquisadores, além de funcionar como a principal biblioteca universitária da cidade, dando apoio informacional e estrutural à comunidade do DF. Segundo o relatório anual da instituição, em 2019 foram realizados mais de 270 mil empréstimos de livros de seu acervo e mais de 20 milhões de acessos ao conteúdo de suas bibliotecas digitais (UnB, 2020). É importante ressaltar que a BCE mantém em sua forma de funcionamento o ideal de acesso democrático e amplo ao conhecimento científico e cultural, aos quais Darcy e Anísio almejavam, já que dispõe de salões de estudo e acervo de acesso aberto a todas às pessoas, além de funcionar com um amplo horário de atendimento, chegando a abrir 24 horas por dia durante o período anterior à pandemia da covid-19.

Concomitantemente à criação da BCE, a Editora Universidade de Brasília (EDU) foi prevista já na lei de criação da UnB (Brasil, 1961), a qual direcionava um valor patrimonial a esta unidade. Assim como a biblioteca, a EDU só foi estabelecida enquanto órgão complementar da UnB no decreto de instituição da FUB (Brasil, 1962). Para implantar a editora da futura universidade da capital federal, Darcy convidou o editor Artur Neves, fundador da Editora Brasiliense. Artur instituiu padrões adequados de qualidade daquela que seria muito em breve uma das editoras universitárias de maior produção e importância do país. Contudo, após o golpe de 1964, o editor deixou a universidade e seu cargo na EDU, a qual passou a ter uma debilidade em sua produção editorial (Hallewell, 2012). Próximo à reabertura democrática, a editora se reergueu com novos fluxos editoriais e coedições de sucesso, que a levaram ao patamar de competitividade com grandes editoras comerciais nacionais da época, como Nova Fronteira, Zahar e Brasiliense, chegando em 1982 a ter a maior produção editorial em número de títulos de todo o país, segundo Hallewell (2012).

Embora o mérito da criação da primeira editora universitária do país tenha sido da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1955, a EDU evidenciou-se em produção, qualidade e ganhou um destaque nacional de maior relevância, mesmo sendo inaugurada sete anos depois (Hallewell, 2012).

Atualmente, a Editora segue mantendo sua importância dentro do contexto editorial da UnB e do cenário universitário nacional, adaptando seus fluxos e formatos editoriais por meio de editais públicos de seleção e publicação de obras voltados à comunidade acadêmica, que culminaram em diversas publicações em formato digital, atreladas a selos específicos definidos de forma a atender às necessidades de ensino, pesquisa e extensão das unidades acadêmicas da Universidade. Aliada a essa proposta, a EDU vem tornando-se um elemento essencial da UnB para a disseminação da produção do conhecimento científico por meio do acesso aberto, ao publicar diversos livros digitais com distribuição gratuita na internet, não deixando de integrar qualidade, inovação e relevância em seus conteúdos e edições. Além disso, tem projetos emancipatórios de divulgação científica e cultural, como é o caso da revista *Humanidades*, criada em 1982 com o intuito de fornecer à sociedade um debate de ideias e pensamento (UnB, [2021]).

Portanto, a BCE e a EDU integram e auxiliam sobremaneira a UnB na condução de seus objetivos e na busca por sua utopia de instituição pensada para ser bálsamo ao modelo tradicional de ensino superior público brasileiro da década de 1960. Por meio da disponibilização de serviços e produtos de qualidade calcados na missão de prover e emancipar seu público universitário e externo, a biblioteca e a editora da Universidade de Brasília traduzem parte do compromisso posto ao ensino superior latino-americano desde a Declaração de Córdoba, passando pela luta travada na segunda metade do século XX com as ditaduras do continente e culminando no embate diuturno contra os cortes orçamentários, a deslegitimação e a precarização do sistema de ensino superior público brasileiro.

Considerações finais

Enquanto projeto de uma universidade utópica, a UnB nasceu rompendo as barreiras ainda muito convencionais e sólidas do sistema de ensino superior público brasileiro da segunda metade do século XX. Ao trazer princípios democráticos de gestão, como a participação de docentes e discentes na escolha de seus dirigentes, a reformulação e maior inclusão na maneira de ingresso universitário via vestibular,

assim como maior voz ao corpo estudantil da instituição em suas decisões, culminou também para a quebra de uma seqüência catedrática de organização de faculdades e cursos, algo bastante ousado e emancipador para o Brasil da época (Alencar, 1969).

O planejamento e execução da UnB foi um exemplo real de nascimento utópico de uma ideia. Desde o surgimento das primeiras universidades da história, passando pela atualização moderna ocidental de seu conceito até sua reforma latino-americana, a ideia de instituição superior de ensino público brasileiro encontrou no Planalto Central seu modelo possível de existência, renovado após a redemocratização do país, buscando como um de seus fundamentos originários a busca constante pela liberdade de pensamento e de existência.

Para que todo esse intento fosse e possa ser possível ainda hoje, várias estruturas elementares de apoio ao ensino, pesquisa e extensão foram pensadas e constituídas. Os modelos de formação e funcionamento da BCE e EDU – calcados na busca constante da organização e comunicação da informação e conhecimento científico, cultural e técnico – acompanharam o ideário de universidade que a UnB carrega em seu cerne. Dois órgãos complementares que estiveram na vanguarda de funcionamento nacional dentre seus pares, desde sua criação, levaram ao corpo acadêmico e à sociedade brasileira a possibilidade de acessar o conhecimento produzido na universidade, assim como estabeleceram o diálogo com seu público por meio do terreno fértil do ambiente universitário disposto a se comunicar com a sociedade, seja por meio das palavras registradas em páginas ou do espaço físico de encontro, cultura e estudo. A criação e fomento de possibilidades reais para o acesso à informação foram, portanto, atividades que contribuíram para a consecução de uma instituição necessária e transformadora para o povo brasileiro.

Elaborar e executar o projeto da Universidade de Brasília pode ter sido a maior busca pela lealdade com a verdade de um país emancipador e justo que Darcy e Anísio realizaram em suas carreiras de educadores e políticos. Pensar na UnB, desde a sua estrutura arquitetônica e administrativa até a sua forma de ensino, possibilitou o nascimento de uma utopia, assim como a tentativa diária de seu restabelecimento pós-redemocratização brasileira. A liberdade e o acesso à informação sempre foram alicerces fundamentais da UnB.

Referências

ALENCAR, H. Apêndice I: a Universidade de Brasília. Projeto nacional da intelectualidade brasileira. In: RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. p. 213-238.

ALVAREZ, Gonzalo. Sobre o sentido da editora universitária, sua filosofia e estratégias. In: DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio (org.). *Livros e universidades*. São Paulo: Com-Arte, 2017. p. 331-338.

BRASIL. Decreto nº 500, de 15 de janeiro de 1962. Institui a Fundação Universidade de Brasília. *Diário Oficial da União*, Brasília, 16 jan. 1962. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dcm/dcm500.htm. Acesso em: 3 out. 2022.

BRASIL. Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 15 dez. 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l3998.htm. Acesso em: 8 out. 2021.

COSTA, S. M. de S.; LEITE, F. C. L. Imbricações teóricas entre comunicação e gestão da informação e do conhecimento na Ciência da Informação. In: COSTA, S. M. de S.; LEITE, F. C. L.; TAVARES, R. B. (org.). *Comunicação da informação, gestão da informação e gestão do conhecimento*. Brasília: Ibict, 2018. p. 17-41. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/123456789/1071>. Acesso em: 6 out. 2021.

COX, John. Positioning the academic library within the institution: a literature review. *New Review of Academic Librarianship*, v. 24, n. 3-4, p. 217-241, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13614533.2018.1466342>. Acesso em: 8 out. 2021.

FONSECA, Edson Nery da. Biblioteca Central da Universidade de Brasília: história com um pouco de doutrina e outro tanto de memórias. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 1, n. 1, 1973. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/74783>. Acesso em: 9 out. 2021.

GALEANO, Eduardo. Ressurreições/2. In: GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2013. p. 214.

GONZÁLEZ-SOLAR, L. La biblioteca universitaria como elemento clave en la estrategia de investigación de la universidad. *Páginas A&b*, v. 3, n. 7, p. 105-125, 2017. Disponível em: <http://aleph.letras.up.pt/index.php/paginasae/article/view/2840>. Acesso em: 8 out. 2021.

GUAZINA, L.; MOURA, D. O. Os rumos do ensino superior brasileiro em contexto de crise: da Declaração de Córdoba aos cortes no orçamento das universidades. *Comunicação & Educação*, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 130-143, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/164999>. Acesso em: 9 out. 2021.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

MARTINS FILHO, Plínio. Editoras universitárias. In: DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio (org.). *Livros e universidades*. São Paulo: Com-Arte, 2017. p. 23-26.

McNEELY, Ian F.; WOLVERTON, Lisa. *A reinvenção do conhecimento: de Alexandria à internet*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Darcy e a UnB: intelectuais, projeto e missão. *Ensaio: aval. pol. públ. educ.*, [S. l.], v. 25, n. 96, p. 585-608, jul./set. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362017002500939>. Acesso em: 9 out. 2021.

RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

RIBEIRO, Darcy. *Universidade para quê?* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

UNB (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA). Biblioteca Central. *Relatório de atividades da Biblioteca Central 2019*. Brasília: Universidade de Brasília, Biblioteca Central, 2020. Disponível em: <http://repositorioadm.bce.unb.br/relatorios/relatorio-de-atividades-2019>. Acesso em: 13 out. 2021.

UNB (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA). Editora Universidade de Brasília. *Relatório de gestão 2017-2020*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, [2021]. Disponível em: https://www.editora.unb.br/documentos/Relatorio_de_gestao_EditoraUnB_20162020.pdf. Acesso em: 13 out. 2021.

